

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A INFLUÊNCIA DOS SUPERMERCADOS NA VARIAÇÃO LEXICAL EM MANAUS

Bolsista (voluntária): HANA ARIEL DO NASCIMENTO CHAGAS

MANAUS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PIB – H – 0075/2010

A INFLUÊNCIA DOS SUPERMERCADOS NA VARIAÇÃO LEXICAL EM MANAUS

Bolsista (voluntária): HANA ARIEL DO NASCIMENTO CHAGAS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Sandra Campos

MANAUS

2011

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte da língua, no aspecto que trata do inventário lexical, a fim de verificarmos se está ocorrendo variação linguística neste nível, provocada pela rede de grandes supermercados, instalada em Manaus, oriunda de outras regiões do país.

Pretendemos com este projeto observar a diversidade lexical nos diversos setores de gêneros alimentícios, para isso, selecionamos os itens lexicais obtidos a partir das exposições nas etiquetas de preços e identificação dos produtos nos supermercados, e, após essa identificação, fizemos um estudo comparativo dessa listagem com a nomenclatura que os feirantes atribuem a cada item, relacionado a nomes de frutas, legumes, hortaliças, carnes, laticínios e verduras. Serão inquiridos também acerca do grau de dificuldade ou não na ocasião de comprar alguns dos produtos elencados. Entrevistas foram feitas através de questionários e serão gravadas juntamente com a recolha dos dados pessoais.

O referido estudo foi desenvolvido no escopo da Teoria Lexical, que trata as palavras como elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados, partindo do princípio de que o léxico de uma língua também transmite a cultura de um povo, ou seja, é um acervo cultural. O desenvolvimento do trabalho foi embasado pelos pressupostos sociolinguísticos, que cuida da relação entre sociedade e língua.

Após a análise dos dados dos informantes entrevistados nas feiras, constatamos que os clientes permanecem utilizando os termos de sua região e que muitas vezes desconhecem termos utilizados nos supermercados e que por esse motivo, buscam as feiras como sua primeira opção de compra.

A variação ocorre sim e está clara nos supermercados, porém nas feiras, ainda se cultiva o uso dos termos da região em questão.

TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS*

E	entrevistador
F	falante
(hes)	hesitação
(inint)	fala ininteligível
°	indica o tempo de gravação em cada entrevista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3	DESENVOLVIMENTO.....	11
	3.1 Margarida Basílio.....	11
	3.2 William Labov.....	12
	3.2.1 Variação Regional.....	13
	3.3 Os caminhos da mudança.....	13
	3.3.1 Mudança de cima para baixo	14
	3.4 Metodologia.....	15
	3.5 Coleta dos dados.....	15
	3.6 Análise dos dados.....	16
	3.6.1 Informante número 1.....	16
	3.6.2 Informante número 2.....	16
4	CONCLUSÕES	14
4	FONTES E REFERÊNCIAS.....	14
5	CRONOGRAMA.....	15
6	ANEXOS.....	16
	6.1 Informante 1.....	16
	6.2 Informante 2.....	17
	6.3 Informante 3.....	18
	6.4 Informante 4.....	20
	6.5 Informante 5.....	22
	6.6 Informante 6.....	24

1. INTRODUÇÃO

Neste relatório final trataremos do tema A influência dos supermercados na variação lexical em Manaus, delimitando as bases bibliográficas que norteiam esta pesquisa. Neste estudo de cunho descritivo, temos como finalidade principal apresentar um recorte da língua, no aspecto que trata do inventário lexical, a fim de verificarmos se está ocorrendo variação lingüística neste nível, provocada pela rede de grandes supermercados, instalada em Manaus, oriunda de outras regiões do país, além de averiguar o fenômeno nas feiras de grande porte da capital. As formas concorrentes podem ser notadas em alguns itens destinados à nomeação de frutas, de legumes, de hortaliças, etc.

O objetivo deste estudo é, essencialmente, descrever as variedades lexicais observadas através da análise empírica de dados recolhidos nos grandes supermercados e feiras de Manaus, com o propósito de compará-las quantitativamente e qualitativamente e obter informações comparativas a respeito das possíveis mudanças que podem estar ocorrendo nesse aspecto na fala do manauara, tendo como objetivos específicos comparar o uso de termos alimentícios em diferentes locais da cidade, verificar os termos que já passaram pelo processo de mudança, identificar os itens que podem estar apresentando variação e a origem dos falantes, a fim de estudar as possíveis causas dessa mudança.

No contexto atual, o mundo se insere num processo globalizante, em que as distâncias culturais acabam-se diminuindo. A globalização é um processo que de certa forma homogeneíza os falares. Os falantes, de um modo geral, estão mais próximos quer pela *internet* quer pela mídia. Por exemplo, uma forma expressiva, que antes era própria de determinadas regiões, geralmente daquelas de maior destaque econômico, como é o caso do Sul e Sudeste do país, hoje, trazida pela mídia ou ainda pelo fluxo migratório de seus falantes, incorpora-se ao falar de regiões distantes. Muitas das vezes, os falares são estigmatizados ou prestigiados por conta das condições locais e sociais de seus falantes. Manaus também está inserida nesse contexto globalizante, inclusive vem recebendo, nas últimas décadas, um contingente de imigrante bastante representativo, entretanto, por questões que não serão apontadas aqui, desta forma, nos aprofundaremos no tema.

Para mapear os falares, os estudos dialectológicos, que tiveram início no Brasil na década de 20 do século passado, reservaram a importância necessária aos estudos sistemáticos de nossos falares, condenados a perecerem pela progressiva nivelção cultural. É inegável as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala (consideramos comunidade de fala o espaço geográfico, cujos indivíduos compartilham as mesmas regras lingüísticas). A partir de um ponto qualquer vão se assinalando diferenças à medida que se avança no espaço geográfico. Da mesma forma se constata diferenças dentro de uma mesma área geográfica, resultantes das diferenças sociológicas tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador da fala do indivíduo. No Brasil, considerando-se a vastidão territorial e a origem de colonização de cada comunidade de fala é irreal o nivelamento da língua devido a muitos fatores como: social, histórico, geográfico e cultural. No entanto, algumas regiões acabam por carregar o fardo da estigmatização, provocando, por parte de seus falantes, a necessidade de assimilar os hábitos lingüísticos de outras regiões que apresentam um maior destaque. Independentemente da intencionalidade ou não no emprego das variações, torna-se importante evidenciar os vocabulários diferenciados, como uma forma dos grupos marcarem presença na comunidade e seu papel de fator de projeção no meio social. Esse é um processo que não podemos impedir.

O desenvolvimento linear ou a evolução da língua vem desde sempre, e tudo indica que vai continuar. E mais ainda, a evolução perpassa pela diversidade que é a transitoriedade da língua. Com a realização deste trabalho, pretendemos dar uma contribuição para ajudar a preencher uma grave lacuna no que diz respeito aos estudos lingüísticos (corpora e léxicos) existentes para o português falado no Amazonas. Além desse propósito, pretendemos contribuir com o volume de textos do âmbito da Dialectologia, como forma de trazer à baila os fenômenos que compõem o feixe de variação da língua portuguesa, no nível lexical. Como contribuição acadêmica, acreditamos que, a partir deste trabalho, muitos temas de pesquisa poderão surgir, colaborando com a cultura do país que se reflete no estudo apurado de sua gramática e, principalmente, de seu léxico.

A metodologia utilizada para realizar este trabalho, seguindo os parâmetros estabelecidos pela Sociolingüística, são os considerados de maior praticidade e eficácia para a pesquisa. Dentre os métodos de abordagem, podemos utilizar o modelo quali-quantitativo, sobre os quais recaem o sucesso dos estudos variacionistas.

Por ser um estudo de natureza quali-quantitativa, estruturaremos o *corpus* a partir de critérios pré-selecionados. A pesquisa foi realizada em supermercados e feiras de maior prestígio em Manaus. A compilação do *corpus* deu-se em forma de conversas espontâneas com vendedores, caixas e consumidores dos locais indicados, através de perguntas relacionadas à identificação dos itens lexicais propostos. Escolhemos informantes do gênero masculino e feminino, com o seguinte perfil: terem nascido em Manaus ou no interior do estado, sem nunca terem se afastado da capital para outros estados por longos períodos; terem idade igual ou superior a 23 anos, constituindo um gA (grupo de adultos) e um gI (grupo de idosos).

Para garantir a representatividade da amostra, selecionamos para cada grupo, subgrupos formados por dois informantes, divididos em duas células para o fator gênero e em duas para o fator faixa etária, ficando assim distribuídos:

- a) gA – com faixa de idade entre os 23 e 54 anos
- b) gI – com faixa de idade igual ou acima de 55 anos

Objetivamos observar a diversidade lexical nos diversos setores de gêneros alimentícios, para isso, selecionamos os itens lexicais obtidos a partir das exposições nas etiquetas de preços e identificação dos produtos nos supermercados, e, após essa identificação, foi feito um estudo comparativo dessa listagem com a nomenclatura que os feirantes e vendedores atribuem a cada item, relacionado a nomes de frutas, de legumes, de hortaliças, carnes, laticínios e verduras. Foram inquiridos também acerca do grau de dificuldade ou não na ocasião de comprar alguns dos produtos elencados.

O desenvolvimento do trabalho teve como base levantamentos bibliográficos, porém, precisou-se de leituras minuciosas, pois o tema não é de fácil entendimento. O próximo passo foi a pesquisa de campo, coletando os dados para começarmos a análise.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referido estudo será desenvolvido no escopo da Teoria Lexical, que trata as palavras como elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados. Além disso, será embasado pelos pressupostos sociolinguísticos, que cuidam da relação entre sociedade e língua, considerando a língua como resultado de todas as concretizações de seus falantes.

A começar pelo léxico, de acordo com Margarida Basílio (2002), podemos distingui-lo dentro de uma língua como a constituição de vocábulos que representam a herança sócio-cultural de uma região, igualmente, instituído na comunidade de fala como um instrumento de produção da cultura e, ao mesmo tempo, seu reflexo. Além disso, constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de determinado grupo. No entanto, o léxico de todas as línguas vivas sofre variações, palavras surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações. Em vista disso, torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem, variando de acordo com os usuários da língua. O léxico de uma língua também transmite a cultura de um povo, ou seja, é um acervo cultural. É de cunho social, uma vez que é constituído convencionalmente pela sociedade. Vale ressaltar que é no campo do léxico é onde mais ocorre a variação linguística.

Tratando-se da sociolinguística, William Labov (1983) afirma ser a corrente que trata da relação sociedade/língua, isto é, considera a língua como resultado de todas as concretizações de seus falantes. Entende que os fatores sociais agem na configuração de nossa língua sob a harmonia da sincronia presente, tornando a comunicação, um processo de construção de significados em que ocorre interação do sujeito com a sociedade, o que faz com que se constituam variações lingüísticas em todos os níveis, principalmente no nível lexical, considerado um dos mais fecundos e propensos à mudança.

A lingüística atual revela que uma língua não é homogênea e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem – a diversidade, a possibilidade de mudanças.

É preciso compreender que tais mudanças não se encerram somente no tempo, mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais, etc. É inegável as diferenças que existem dentro de uma mesma comunidade de fala. A partir de um ponto qualquer vão se assinalando diferenças à medida que se avança no espaço geográfico. Da mesma forma,

existem as diferenças dentro de uma mesma área geográfica, resultantes das diferenças sociológicas tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupos com os quais convive, enfim, sua identidade. Tudo isso pode interferir e operar como modelador à fala do indivíduo.

É por não ser homogênea (SAUSSURE, 1995), que a língua segue uma dinâmica natural, alterada por seus falantes continuamente no tempo e no espaço, ainda que de forma lenta, sem que percebam o complexo jogo da mutação. Este processo lingüístico dá à língua um caráter heterogêneo, conforme apregoa W. Labov. A variação social está relacionada a fatores sociais como etnia, gênero, faixa etária, grau de escolaridade etc. Há também as variações provocadas pelos fatores geográficos e históricos, as quais tendem a perpassar pelos falantes sem que estes percebam a ocorrência das mudanças na língua. As variações lingüísticas podem ocorrer naturalmente como resultado dos fatores espaço e tempo, mas também como recurso de individualidade, quer por uma pessoa ou uma comunidade. Sob esse prisma, a sociolingüística é entendida como o estado das correlações sistemáticas entre formas lingüísticas variantes – diferentes formas de dizer a mesma coisa – e determinados fatores sociais, tais como a classe socioeconômica, escolaridade, sexo, etnia, que regulam e mensuram a variação da língua. Havendo variação lingüística é possível que se observe que ela não se dá aleatoriamente, senão que sistematicamente por meio de uma organização correlacionada a fatores sociais.

Existe também o preconceito lingüístico. De acordo com Marcos Bagno (1999), há uma série de mitos infundados que entram na composição do arraigado preconceito lingüístico que vigora na sociedade. Desmascarando um por um desses mitos, o autor mostra de que maneira a mídia e a multimídia, na contramão dos estudos científicos atuais sobre a linguagem estão colaborando para perpetuar e aprofundar esse preconceito e ao falarmos em preconceito, estamos falando de regiões consideradas inferiores sob o olhar de outras regiões consideradas de maior destaque econômico. Outra variação que também se faz muito presente na oralidade e que constitui outro fator de enriquecimento lingüístico, no que concernem as potencialidades características regionais, é a própria variação regional.

A variação da língua pode ser provocada por diversos fatores: o diatópico (que denuncia a região, o espaço físico e o lugar do falante) e o diastrático (que denuncia os fatores sociais, tais como, escolaridade, faixa etária, profissão e gênero do falante), sendo o primeiro o mais relevante neste trabalho.

3. DESENVOLVIMENTO

A pesquisa em questão trata de descrever as variedades lexicais observadas através da análise empírica de dados recolhidos nos grandes supermercados e feiras de Manaus, com o propósito de compará-las quantitativamente e qualitativamente e obter informações comparativas a respeito das possíveis mudanças que podem estar ocorrendo nesse aspecto na fala do manauara.

A primeira, contínua e mais importante etapa do projeto é o levantamento bibliográfico. Estudos, pesquisas e leituras foram feitas durante todo o tempo hábil para a realização do mesmo. Para tanto, as principais referências utilizadas neste projeto foram os estudos de William Labov e Margarida Basílio.

3.1 Margarida Basílio

Durante muito tempo, a tradição gramatical e a teoria lingüística deixaram de lado o estudo sincrônico de padrões lexicais. Após e através de um longo percurso, voltamos a examinar esse aspecto nuclear da linguagem e sua razão necessária de ser (Basílio, 2002). Em resposta às inquietações tipicamente humanas, o desenvolvimento da tecnologia, da ciência e das artes, alterações nos costumes e nos relacionamentos, o que, em termos práticos, se traduz em - novos objetos, seres e eventos; processos e instituições; método e técnica - que precisam ser nomeados, e também, na codificação simultânea da percepção; no amoldamento das idéias às necessidades da sintaxe e do discurso; e na estrutura da língua a serviço da função poética.

A autora apresenta uma visão atualizada e acessível das questões essenciais em teoria lexical e uma análise de fenômenos ocorrentes ou possíveis no léxico do português, sobretudo quanto à formação de palavras.

O livro em questão também aborda alguns aspectos sobre a abordagem gramatical, estruturalista e gerativa transformacional, no fenômeno da formação das palavras, decorrentes de diferentes perspectivas teóricas. Mas aponta que o problema central no estudo da formação de palavras é o fato de que encontramos no léxico, formações regulares ao lado de formações cristalizadas, onde podemos observar uma enorme variação de estágios de não-regularidade, desde as pequenas sub-regularidades e desvio até a irregularidade total.

Esclarece também a importante distinção que se faz normalmente entre língua escrita e língua falada, apresentando as diferenças em todos os níveis da estrutura lingüística, as diferenças lexicais e no processo de formação de palavras, caracterizando a língua falada principalmente por apresentar fator emocional e muitas vezes regional no processo de formação.

3.2 William Labov

A lingüística tem sido objeto de interesse de muitos pesquisadores que buscam estabelecer relações da língua e suas múltiplas funções com uma sociedade cada vez mais heterogênea e diversificada. A análise sociolingüística implica, por sua vez, uma tentativa de processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada.

A sociolingüística teve início com William Labov, lingüista norte-americano, que principiou a teoria da variação. O impacto do trabalho de Labov sobre os estudos da linguagem é amplamente reconhecido. A perspectiva laboviana, dentro da sociologia da linguagem, busca entender a língua em seu contexto social – as regras de inserção e as variações sociais expressivas – como elemento prático, baseada em uma metodologia funcionalista.

A sociolingüística variacionista traz, desde seu surgimento, a marca dos conflitos políticos e ideológicos, uma vez que Labov criou um instrumental teórico capaz de aniquilar o mito da "deficiência verbal" das classes sociais subjugadas estabelecendo a lógica gramatical inegável dos dialetos considerados "não-padrão", isto é, das formas de falar das comunidades.

Alguns autores observam que Labov apontou a contradição ou pelo menos o paradoxo, no qual desembocava a distinção língua-fala: defini-se a língua como 'a parte social' da linguagem, remete-se a fala às variações individuais, mas estando a parte social fechada sobre si mesma, disso resulta necessariamente que um único indivíduo testemunhará em direito pela língua, independentemente de qualquer dado exterior, ao passo que a fala só será descoberta num contexto social.

A observação desses autores se faz muito pertinente, uma vez que a fala dá-se sempre num contexto social, embora apresentando suas variações, e a língua ao que nos parece não se apresenta tão restrita a si mesma, como pontua Saussure (1995).

A partir do momento em que não se considera a língua fechada em si mesma, portanto, homogênea, como propõe Saussure, abre-se a possibilidade, por exemplo, à heterogeneidade e é a partir daí que Labov passa a sustentar sua teoria.

3.2.1 Variação regional

Observe-se, no entanto, que sempre que se depara com comunidades de fala que utilizam determinada marca de oralidade, para fins de análise sociolingüística, é essencial que se respeite as características e peculiaridades de cada região. Trata-se de uma variação que também se faz muito presente na oralidade e que constitui outro fator de enriquecimento lingüístico, no que concerne as potencialidades características regionais. Para chegarmos a essa variação consideramos o fator diatópico (que denuncia a região, o espaço físico e o lugar do falante), como citamos acima.

Todas as variações servem igualmente para a comunicação entre falantes de comunidades de fala. Nesse sentido, a análise lingüística desempenha papel fundamental no processo de interação fala/sociedade.

De acordo com o cronograma estabelecido, após o levantamento bibliográfico foi feita a compilação dos dados obtidos até o momento. Após a recolha dos dados e mediante a autorização da Universidade, fomos a campo para aplicar as entrevistas e questionários.

Depois de selecionarmos os lugares para as entrevistas e de elaborar o questionário, foram selecionados, inicialmente, analisamos dois informantes para elaboração do relatório parcial e para o final, completou-se o quadro de acordo com a metodologia.

3.3 Os caminhos da mudança

Já falamos de vários tipos de mudança que acontecem nas línguas. Um tipo é a mudança que ocorre, no tempo, quando uma língua se transforma em outra; por exemplo, quando o latim se transformou em italiano, francês, espanhol, português. Outro tipo é quando uma língua está em contato com outra e começa a utilizar vocábulos e sons emprestados da outra. Esses dois tipos de mudança mostram dois *processos* de mudança diferentes nas línguas que vamos estudar agora.

3.3.1 Mudança de cima pra baixo

Esse tipo de mudança está relacionado com o status social de seus falantes. A mudança é determinada de cima para baixo, isto é, uma classe mais favorecida socialmente determina a mudança.

O outro tipo de mudança é o que nós vimos acontecer com os empréstimos lexicais. Esse processo de mudança depende do contato entre línguas diferentes ou dialetos diferentes, e se chama *mudança de cima para baixo*. Isso, porque começa com os *adultos*. São os adultos que têm contato com outros lugares e outras comunidades. Os adultos viajam, fazem negócios com viajantes de outros lugares, e muitas vezes aprendem palavras dessas outras pessoas, ou até acabam aprendendo outras línguas.

Os adultos bilíngues começam a introduzir, na língua, novas palavras, e às vezes novos sons. Esse processo de mudança é *externo* à língua, porque depende de contato com outras variedades. Essas mudanças são muito diferentes das mudanças internas. Elas não são *sistemáticas*. Não mudam toda a gramática da língua. O mais comum é que acrescentam palavras. As línguas estão sempre recebendo empréstimos de outras línguas e de outros dialetos. Mas agora a questão é: como é que esses empréstimos se espalham numa língua? Como é que eles entram no uso comum? O mais comum é que essas mudanças entram num ponto de mais prestígio, como uma grande cidade, ou um *centro de cultura*. São os lugares onde há mais contato com outros povos e outras línguas, por causa do comércio e da política.

Desses pontos centrais, as mudanças vão se espalhando, primeiro dentro da grande cidade, e depois nas regiões mais próximas. O processo chama-se *difusão* e também leva tempo. Uma palavra que começa nas colunas sociais de um jornal (ou nas colunas econômicas ou tecnológicas) pode eventualmente passar para a população da cidade, e depois, com os meios de comunicação, passar para outras regiões, outros países, e até outras línguas.

3.4 Metodologia

A coleta dos dados foi realizada através de entrevista feita a partir de um questionário pré-elaborado. A ficha dos informantes contém dados como nome, idade, local de nascimento, escolaridade e profissão. O questionário anexo contém perguntas relacionadas às atividades dos informantes, sendo elas feitas a partir do cotidiano de cada um com base no que precisamos para realizar a pesquisa e analisar os dados. O objetivo da pesquisa é registrar a mudança, ou não, dos nomes de frutas, verduras e legumes, ocasionada pelo advento dos grandes supermercados e feiras de Manaus.

Para atender às necessidades do Relatório Parcial, entrevistamos apenas dois informantes, já para a conclusão do trabalho, foi necessário a entrevista com mais 4 informantes. De acordo com a metodologia desta pesquisa, todos os informantes nasceram e moram no Estado do Amazonas.

3.5 Coleta dos dados

As duas primeiras entrevistas, para o Relatório Parcial, foram aplicadas na Feira da Manaus Moderna, no centro de Manaus. As demais entrevistas foram feitas nos supermercados DB e Carrefour, distribuídos em dois bairros distintos de Manaus, após uma pesquisa prévia em cada um dos supermercados citados acima, cuja finalidade foi averiguar o registro escrito dos elementos em questão. Uma segunda visita ocorreu na feira da Manaus Moderna com o mesmo intuito. Utilizamos o gravador PANASONIC RR-US510. Os arquivos sonoros foram extraídos dos registros produzidos, utilizando-se o programa *Xilisoft DVD Audio ripper 2.0.58 build-1208*. Após as gravações, recolhemos autorização para utilização dos dados dos informantes em futuras publicações.

3.6 Análise dos dados

Após fazermos as gravações e recolhermos os dados dos informantes, extraímos os áudios das entrevistas para a análise e através do programa de reprodução acima citado, pudemos dar prosseguimento a pesquisa, agora com as transcrições.

3.6.1 Informante número 1

A informante J.B se encaixa no grupo gI, com 77 anos. A informante nasceu no interior do Estado, porém reside em Manaus há mais de trinta anos, não tendo concluído seu ensino fundamental.

De acordo com sua entrevista (anexo pag. 16) podemos constatar que a informante possui conhecimento dos termos de outra região, mas isso não a impede de identificá-los com facilidade ao ir a supermercados e especialmente a feiras, onde prefere fazer suas compras.

Durante a entrevista, a informante se mostrou conhecedora tanto dos nomes advindos de outras regiões bem como dos nomes usados aqui e afirmou não sentir constrangimento de usar os termos próprios de sua terra, como a mesma preferiu dizer.

Concluindo sua entrevista, ela discorda de estar havendo mudanças e explica saber que é assim mesmo: ‘O nome muda de cidade pra cidade e cada um chama do jeito que quer chamar.’

3.6.2 Informante número 2

O informante R.C se encaixa no grupo gA, com 23 anos. O informante nasceu em São Sebastião do Uatumã, está de passagem pela Capital e concluiu ensino médio.

Em sua primeira resposta, o informante afirma sentir dificuldade em identificar os termos encontrados aqui e diz que são diferentes de onde ele reside. Afirma também que os termos mudam não somente de região pra região, mas de cidade pra cidade.

Em sua segunda resposta, afirma ter vergonha de usar alguns termos conhecidos em sua cidade, mas que não são muito reconhecidos aqui na capital, e que prefere usar os termos conhecidos aqui ao que ele está habituado a usar.

Ele conclui sua entrevista dizendo: ‘Só muda de nome, as frutas são as mesmas.’

4. CONCLUSÕES

Após seguirmos a metodologia estabelecida, passando por pesquisas bibliográficas, leituras, coletas e análises, chegamos à nossa conclusão e de acordo com a análise dos dados colhidas por seis informantes, constatamos que a variação lexical nos supermercados e feiras de Manaus existe, em parte.

Expliquemos o 'em parte'. Mediante as visitas aos supermercados, notamos que alguns termos já não aparecem mais, termos nativos da região em questão que são substituídos por termos oriundas de demais regiões pelos diversos motivos abordados neste projeto. Ao menos quatro itens de maior procura por consumidores foi-se constatado que já não mantêm o mesmo nome nos supermercados, enquanto que outros possuem o mesmo nome, mas com vários termos adjacentes à eles ao qual denominamos de termos qualificativos, que acabam por caracterizar o item em questão geralmente por algum nome de cidade, país ou até mesmo alguma palavra em outro idioma. Ex: encontramos uva thompson, niágara, benitaka e red glober; maçã golden e red; mexerica ponkan; alface americana, crespa, hidropônica, etc.

Agora vejamos o que acontece nas feiras. A feira é um ambiente mais popular, com uma maior diversidade de clientes. Após uma visita a Manaus Moderna, uma das maiores feiras de Manaus, verificamos que apenas em uma única banca, que notamos até mesmo uma influência já presente dos supermercados, que esta usava termos que nos supermercados também já se havia adquirido: abóbora e gengibre, porém era a única que usava este termo na feira.

Antes mesmo de analisar os dados dos informantes e apenas observando os itens nas feiras, já notamos uma grande diferença somente pelo fato de que nas feiras, não há placas nem etiquetas e que o vendedor usa apenas a oralidade, enquanto que nos supermercados é bastante usada a escrita. Devido a essa oralidade presente nas feiras, a influência é ainda maior, uma vez que o vendedor passa seu próprio conhecimento a respeito daquele item, sendo esse conhecimento avançado ou não, vale ressaltar que os itens em questão (frutas, verduras e legumes) não variam, sendo eles mantidos de acordo com os termos usados e conhecidos por todos da região.

Após a análise dos dados dos informantes entrevistados nas feiras, constatamos que os clientes permanecem utilizando os termos de sua região e que muitas vezes desconhecem

termos utilizados nos supermercados e que por esse motivo, buscam as feiras como sua primeira opção de compra.

A variação ocorre sim e está clara nos supermercados, porém nas feiras, ainda se cultiva o uso dos termos da região em questão.

5. FONTES E REFERÊNCIAS

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed., São Paulo: Ática, 2002.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Traducción José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

PRETI, Dino (Org.). **Léxico na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, 277 p.

SAUSSURE, F.de. **Curso de lingüística geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix. 1995.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

5. CRONOGRAMA

Descrição	Ago 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago 2011
Pesquisa bibliográfica	R	R	R	R	R	R							
Compilação dos dados						R	R						
Análise dos dados						R	R	R					
Elaboração do Resumo e Relatório Final									R	R			
Preparação da Apresentação Final para o Congresso											R		
Entrega do projeto												R	
Defesa do projeto - XX Congresso de Iniciação Científica													P

R – Realizado

P - Previsto

6. ANEXOS

6.1 Informante 1

FICHA PARA ENTREVISTA

Nome: J.B

Origem: Manaus

Idade: 77

Profissão: Dona de casa

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto

Tempo: 01:07°

E: você tem dificuldade de identificar o nome dos objetos (frutas, verduras e legumes) apenas lendo os nomes nas etiquetas?

F: não... não. porque eu cunheço a fruta e sei que o nome muda de país... (inin)... de cidade pra cidade, cada um usa... do (hes)... do... jeito que quer chamar, mas eu não tenho dificuldade... porque eu fui de interior e cunheço.

E: a senhora tem vergonha de usar termos daqui da sua região?

F: não, não tenho... eu sou filha daqui e não nego minha origem.

E: a senhora acha que está havendo alguma mudança nesses nomes? porque que a senhora acha que essa mudança acontece?

F: não, eu acho que mudança não, não há porque desde que eu me entendo como gente, com essa idade, que é assim, tem esses nome e eu conheço com esses nome.

6.2 Informante 2

FICHA PARA ENTREVISTA

Nome: R.C

Origem: São Sebastião do Uatumã

Idade: 23

Profissão:

Escolaridade: Ensino médio completo

Tempo: 01:52°

E: você tem dificuldade de identificar o nome dos objetos frutas, verduras e legumes apenas lendo os nomes nas etiquetas?

F: sim. por causa... porque... lá na minha terra é chamado doutras frutas né... como jerimun é chamado de abóbora aqui e a macaxeira é chamada de macaxeira-pão... e (hes)... outras frutas eu conheço como os... não é como daqui né... daqui é um tipo e lá pra... pra Uatumã é outro tipo... as fruta... mas (hes)...

E: você tem vergonha, por exemplo, de usar esses termos que pouca gente conhece, usar os termos de sua região? você tem vergonha? por quê?

F: por causa que a aqui a gente conhece uma fruta como... não é como de lá né... aqui eles dão outro nome e eu não sei como que é.

E: então você tem vergonha de usar os termos?

F: tenho.

E: pra esclarecer, você usa os termos utilizados aqui somente porque não são conhecidos?

F: exatamente.

E: mas assim, você acha que está havendo mudança nos nomes das frutas, das verduras e porque que você acha que essa mudança ocorre, o que influencia?

F: só de nome né... só mudam os nome só... por causa que as frutas são as mesmas.

6.3 Informante 3

FICHA PARA ENTREVISTA

Nome: L.S

Origem: Manaus

Idade: 57

Profissão: Pintor

Escolaridade: Ensino fundamental incompleto

Tempo: 02:37°

E: o senhor tem dificuldade de identificar o nome dos objetos, das frutas, verduras e legumes apenas lendo os nomes nas etiquetas?

F: lendo não... lendo os nome não né... tem dificuldade assim de... (inin)... que é tudo uma parecida com a outra né... uma parecida com a outra e (hes)... porque a diferença é dum... vamo dizer... de um estado pra outro né... que (inin)... num conhece com um nome e no outro já conhece... a mesma fruta com outro nome... então a diferença é isso.

E: e os nomes aqui da sua região, por exemplo, que o senhor conhece e entende como os nomes daqui, o senhor teria vergonha de usar devida essa mudança, essa variação?

F: não, não... (inin) de maneira nenhuma né... não tinha vergonha de mudar não.

E: e o senhor acha que...

F: continuar chamando o nome que realmente... na região é né.

E: o senhor acha que tá havendo mesmo essa mudança, que trocam os nomes, por exemplos, nos supermercados, nas feiras?

F: não

FICHA PARA ENTREVISTA

Nome: R.C

Origem: Silves

Idade: 24

Profissão: Estudante

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Tempo: 02:30°

E: você tem dificuldade de identificar o nome dos objetos frutas, legumes e verduras apenas lendo os nomes pelas etiquetas?

F: tenho, tenho dificuldade sim... porque elas são muito parecidas na verdade... só (hes)... só sei a diferença ali, pelo nome mesmo, porque elas são bastante idênticas né... aparência física.

E: e você tem vergonha de usar os termos da sua região?

F: não, nenhuma.

E: porquê?

F: ah... porque eu to na minha região então geralmente onde eu vou comprar, onde eu faço as compras da (hes)... de feiras... essas coisas (inin)... são pessoas da minha região também que tão ali então eles conhecem pelo mesmo nome, não tem dificuldade nenhuma, então, e nem vergonha.

E: você acha que estão havendo algumas mudanças indo, por exemplo, a supermercados e a feiras, você acha que está havendo mudança nos nomes das frutas, das verduras e porque estaria?

F: eh... com certeza tá tendo principalmente nos supermercados, na feira já tá chegando um pouco, mas principalmente no supermercado... eu creio que seja devido a imigração, de pessoas de outros estados vim pra cá e ter trazido os nomes que são usados aí fora pra cá, principalmente nos supermercados, na feira tá chegando um pouco mas, ainda é bastante

usado os termos regionais ainda.

E: você pode citar algum, alguma fruta, por exemplo, ou algum legume que você comprou ou viu no supermercado que de repente tá mudança ou tá acontecendo essa mudança. teve alguma diferença?

F: olha... a gente vê aí... cheiro verde que a gente encontra na feira e no supermercado é outro nome, o jerimun, feijão de corda que também é conhecido como feijão verde e pimenta cheirosa... bananas que a gente conhece aqui geralmente na feira tá só banana e a gente conhece lá banana pacovã e já no supermercado é outro nome, tem também aí como... o mais comum que a gente encontra é macaxeira que aí pra fora a gente vê... no supermercado tá aipim.

E: por exemplo, nesses folhetos auto-explicativos que tem na entrada do supermercado, somente pelos folhetos, você vê diferenças, você nota essas mudanças?

F: com certeza vejo sim... a mudança da... de... geralmente pelas frutas. eu conheço pelo nome e no... no... no... no panfleto do supermercado tem... tem outro nome lá. tem nome pra tudo que pra mim geralmente parece... é bem parecido uma com a outra.

FICHA PARA ENTREVISTA

Nome: A.L

Origem: Manaus

Idade: 28

Profissão: Dona de casa

Escolaridade: Ensino médio incompleto

Tempo: 02:20°

E: você tem dificuldade de identificar o nome dos objetos frutas, legumes e verduras apenas lendo os nomes pelas etiquetas?

F: sim, pois muitas vezes... pra uma só fruta, só vendo pelos nomes e pelas etiquetas não dá pra identificar... porque... pra várias frutas... pra uma só fruta, uma única fruta, existe vários nomes.

E: e você, tem vergonha de usar os termos da sua região, os termos, por exemplo, nomes diferentes usados aqui e dos outros termos que são usados fora, você tem essa vergonha?

F: não... porque pra cada região existe nomes específicos, para determinadas frutas, verduras, então, as... as com o nome daqui eu vou usar aqui, porque eu iria ter vergonha?

E: e você acha que está havendo mudança no nome das frutas, das verduras e porque estaria havendo essa mudança?

F: sim (hes)... eu já viajei por aí e já vi que muitos nomes de frutas da região sul e sudeste agora aparece nas etiquetas dos supermercados daqui, então por isso tá havendo essa mudança, impõem isso pra nossa região.

E: das frutas que a senhora comprou, por exemplo, tem alguma que a senhora viu que o nome é diferente, que a senhora teve dificuldade pra identificar e saber qual é a que, por exemplo, a senhora sempre compra e de repente tinha um nome diferente, um termo diferente?

F: eh... tem... por exemplo, a pera. agora... agora que eu vim ver que a pêra tem vários nome. pêra portuguesa, pêra asiática que eu nunca tinha visto, só tinha visto a daqui mesmo e

tangerina, apesar que, já tinha visto que a tangerina tem o nome de mexerica, mas agora aqui, na região só usa o termo de mexerica pra tangerina.

E: a senhora costuma ir a feiras também?

F: sim.

E: nas feiras a senhora vê que há essa mudança ou prevalece o que a senhora encontra no supermercado?

F: nas feiras... nem tanto. eu acho que (inin)... não, mas nos supermercados com certeza.

6.6 Informante 6

FICHA PARA ENTREVISTA

Nome: A.N

Origem: Manaus

Idade: 51

Profissão: Dona de casa

Escolaridade: Ensino médio completo

Tempo: 01:40°

E: a senhora tem dificuldade de identificar o nome dos objetos frutas, legumes e verduras apenas lendo os nomes pelas etiquetas?

F: sim.

E: porque?

F: (hes) eh... uma uva, tem vários nome... se todas são uva como é que elas tem vários nome?

E: e a senhora escolhe geralmente por que critério, como a senhora sabe a uva que a senhora quer?

F: de cada cacho de uva eu tiro uma. a que for doce eu compro.

E: a senhora tem vergonha de usar os termos de sua região, os termos que a senhora conhece que são daqui?

F: não. Aonde eu chegar, eu chamo pelo nome que eu conheço aqui no meu Manaus.

E: e a senhora acha que tá havendo alguma mudança no nome das frutas, nos supermercados ou nas feiras?

F: está. por que mandaram eu comprar gengibre e eu não sabia o que era. depois me disseram que era mangarataia.

E: a senhora costuma ir às feiras também?

F: costume, toda semana.

E: e o que que a senhora pode falar sobre essa mudança. nas feiras acontece, a senhora vê que muda alguma coisa?

F: eu acho que não, tão dificultando mais pra nós o nome das nossas frutas e verduras, tão trocando muito.

E: nas feiras a senhora não nota essa mudança, somente nos supermercados?

F: muito pouca, mais nos supermercados as mudanças de nome, nas feira é mais o nosso linguajar... o que nós conhecemos.